

Memória, Testemunho, Contexto e Narrativa: *O Cerco do Porto* *contado por uma* *testemunha, o Coronel* *Owen. Prefácio e notas* de Raul Brandão

Maria Otília Pereira Lage¹

Introdução

Quatro anos antes do 1.º Centenário da Revolução Liberal de 1820, Raul Brandão republicaria, simbolicamente, no volume inaugural da *Bibliotheca Historica* — Renascença Portuguesa (1915), a narrativa memorialística de *O Cerco do Porto* do coronel Owen (1.ª edição, Londres, 1836), uma das fontes mais importantes deste acontecimento histórico decisivo da consolidação do liberalismo constitucional português.

O prefácio e as notas de erudição documental que Brandão produziu na organização editorial desta obra, a partir de manuscritos inéditos preparatórios deste trabalho de vocação historiográfica, evidenciam o exigente e inovador sentido do escritor de que as leituras se alteram quando repetidas noutros contextos históricos. Densifica com a espectralidade do passado a interrogação

1. Investigadora do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Email: otialialage@sapo.pt. A autora não segue o Acordo Ortográfico de 1990.

em que projecta a formação de cidadãos e da opinião pública democrática no regime republicano nascente.

Raul Brandão, clássico da literatura portuguesa e cidadão de profunda reflexão crítica sobre as contradições da Monarquia Constitucional e desmandos políticos da I República, empenhado numa sociedade de justiça social, num modelo político ideal de liberdade e não de retorno ao passado, situou a sua obra *no rastro* entre o já não (um passado espectral) e o ainda não (um futuro imprevisível).

Intelectual entre séculos, com múltiplas influências de pensamento do romantismo ao modernismo², independente de cânones, mas que acrescenta o «cânone», Brandão cria uma escrita aberta à modernidade que o século XIX inaugura e o século XX aprofunda, numa visão complexa e singular sobre o seu tempo histórico: «A nossa época é horrível porque já não cremos — e não cremos ainda. O passado desapareceu, de futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem tecto, entre ruínas à espera.» Em registo similar explicita: «O passado é um cenário e o futuro, que já existe nas consciências, não se pôde ainda exteriorizar.» O ideário histórico de Brandão é inseparável da crença numa futura sociedade fraterna e igualitária: «Espero pelo dia em que acabe a exploração do homem pelo homem [...] em que a instrução seja realmente gratuita e obrigatória para todos. Espero que a terra seja de quem a cultiva [...] Mais justiça e mais pão para todos.»³

Sob este enquadramento o presente artigo estrutura-se conceptual e metodologicamente na articulação de vários planos de leitura em duas secções: 1) A obra *O Cerco do Porto contado por uma testemunha, o coronel Owen*. Prefácio e Notas de Raul Brandão; 2) Análise da práxis e mundivisão histórica brandoniana, numa perspectiva da «história e desconstrução»⁴.

1. A obra *O Cerco do Porto contado por uma testemunha, o Coronel Owen*

A edição deste livro prefaciado e anotado por Brandão é uma reedição da narrativa editada por Hugh Owen: *A Guerra Civil em Portugal, o Sitio do Porto e a*

2. MACHADO, 1984.

3. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915; VIÇOSO, 2017.

4. GASTON, 2018.

Morte de Don Pedro, versão portuguesa original da edição inglesa *The Civil War in Portugal and the Siege of Oporto* (Londres, 1836). Dentre outras memórias da época de militares britânicos que se encontravam ainda em Portugal, esta obra memorialística foi a única editada em dois idiomas: a língua materna do autor e a língua portuguesa com que se familiarizara, desde que se fixou e constituiu família no norte de Portugal⁵. Fonte narrativa homodiegética⁶ retrata o Cerco do Porto na perspectiva do estrangeiro Owen, natural de Gales, Reino Unido, donde veio para Portugal, onde desempenhou funções e cargos militares durante a Guerra Peninsular (1807-1814). Quando em 1832 o exército liberal ocupou a cidade, Owen, então aqui residente, foi convidado por D. Pedro para ser comandante de cavalaria, mas sendo cidadão britânico recusou face a directivas delegadas do Governo do seu país o que não o impediu de ser seu conselheiro empenhado na vitória liberal.

Narrador e personagem d' *O Cerco do Porto* Owen apresenta em detalhe, nos primeiros capítulos, os antecedentes deste acontecimento histórico, e, dando a perceber a ambiência político-social da época, expõe com pormenor as movimentações militares, a «constância» e o «sangue-frio» dos *portuenses* na resistência da cidade sitiada e a valorosa defesa das liberdades. A obra a estes dedicada descreve o desenrolar do Cerco do Porto, destacando a defesa intrépida da cidade *liberal e invicta*, e narra, em depoimento circunstanciado, episódios e factos vivenciados e observados.

A narrativa deste testemunho, enriquecida pelo inovador trabalho histórico-literário de Raul Brandão, é fundamental para a reconstituição minuciosa de factos e quadros da resistência heróica dos portuenses em defesa das liberdades, durante o Cerco do Porto (1832-1833), e para a historiografia portuguesa da Guerra Civil (1828-1834).

1.1. O testemunho de Owen

«A disposição das tropas foi tão rápida, que às seis horas da tarde aquelas posições estavam ocupadas, e às nove da noite o exército libertador achava-se desembarcado sem a mais leve resistência, e preenchidos completamente os

5. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 37.

6. GENETTE, 1972: 243-44.

desejos do Senhor D. Pedro.»⁷ Assim inicia Owen a sua narração, relatando de forma empática e veraz as «heróicas façanhas» de «uma luta memorável para os vindouros», numa «língua que não é a sua», opção idiomática diversa da de outros militares britânicos. Mostrando de que lado da barricada se encontrava, Owen descreve a mobilização das forças em luta: o exército organizado de D. Miguel e, por D. Pedro, um conjunto de soldados e oficiais liberais vindos da Terceira e desembarcados na praia de Pampelido, sem apoio de outras forças militares para além de alguns combatentes ingleses e franceses. Testemunha as movimentações das forças em luta, os combates e alguma inconsequência das chefias militares opositoras, sendo sobretudo portugueses os que caíam em combate. Traça, em pano de fundo, o terreno social onde se digladiavam absolutistas apoiados pelas forças conservadoras e liberais, com a adesão e constância popular do Porto, onde regista a permeabilidade à permanente guerra de boatos que aí grassava. A sua descrição do quotidiano da cidade sitiada, à míngua de tudo, em que destaca o papel da mulher do povo na retaguarda e frente de combate, traduz-se em quadros de singular pungência.

Na sua condição de inglês e militar na reserva, Owen evoca os antecedentes político-sociais e militares do Cerco do Porto desde a conspiração de Gomes Freire de Andrade (1817), cujo alcance analisa condicionado pela reverência a Lorde Beresford. Descreve a disputa política e as escaramuças militares, convulsões, frequentes mudanças de poderes e papéis de actores como D. Miguel e os seus «maus companheiros» cuja acção caracteriza e reprova. Refere as tentativas frustradas desde 1828, de retomar o poder a partir do Porto, por parte dos liberais e as vicissitudes dos preparativos político-militares na Terceira do desembarque das forças liberais no continente, relevando admiração pela liderança perseverante de D. Pedro em libertar Portugal das forças conservadoras, contra a arreigada disposição de ânimo nacional tradicional para adiar decisões. Owen conclui assim os 15 capítulos da narrativa d'*O Cerco do Porto*: «nunca houve uma causa perdida e arrancada ao abismo das impossibilidades, como a causa dos liberais; nunca nenhuma outra foi auxiliada por tantos acontecimentos imprevistos e improváveis».

E destacando de novo D. Pedro, lista «os vinte milagres» económico-políticos, militares e sociais que atribui ao povo e ao seu comando, os quais considera

7. OWEN, 1836: 38.

terem propiciado o sucesso político-militar da vitória liberal, cumulativamente, à escala local, nacional e internacional⁸.

1.2. Prefácio e notas de Raul Brandão. Memória, testemunho e contexto

Ninguém é testemunha de uma testemunha.

PAUL CELAN, 1967

Nestes últimos versos do notável poema «Aschenglorie» de Paul Celan, poeta judeu de origem romena e língua alemã, sintetiza-se o princípio de precaução a que se procurou atender.

Como se perceberá desta argumentação que supõe a leitura de manuscritos inéditos de Raul Brandão, apontamentos que lhe serviram de base neste ensaio⁹, a escrita brandoniana do prefácio e a elaboração do vasto conjunto de notas que suplementam o testemunho de Owen, resultaram de metódica investigação do escritor sobre a factualidade da narrativa, a qual seguiu com independência crítica e perspicácia, enquanto testemunho. O trabalho de Brandão sobre estas memórias de um estrangeiro, na sua historicidade própria, antecipa, de modo original, a probidade intelectual a aplicar a um documento histórico testemunhal. Sem ignorar a hipótese de perjúrio ínsito em qualquer testemunho, Brandão baseia este ensaio historiográfico na análise do «contexto», da «memória» e da «narrativa», garantindo integridade e valor único do testemunho, na percepção pioneira de que «ninguém é testemunha de uma testemunha».

Owen no seu «Aviso ao Público», ressalva o interesse do teor testemunhal ao comentar, com o dito popular, «mais vale pouco que nada». O «pouco» era o texto com erros idiomáticos, segundo Brandão¹⁰: «o livro sempre me encantou, apesar de escripto numa língua de trapos. E talvez a língua arvezada lhe augmentasse

8. Cf. PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses *et al.*, org., 2001.

9. O espólio e biblioteca de Raul Brandão, legados em seu testamento à Sociedade de Martins Sarmiento (Guimarães), foram aí consultados, permissão que se agradece.

10. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 20.

ainda o prestígio. Limpei-o aqui e ali para o tornar legível, procurando completá-lo com observações doutro inglês, Napier, e com algumas notas mais».

Raul Brandão, ao conjugar matéria histórica e expressão literária, traça neste prefácio, aspectos contextuais de natureza biográfica do coronel Owen, autor da narrativa, através da descrição e qualificação da sua figura e vida familiar dramática, retratadas em cenas imagísticas quotidianas:

Para completar o retrato imaginem a figura secca com duas poupas brancas de cada lado da calva, o bigode tisonado, o olho azul. Palavras poucas — tom de commando. Só na intimidade ou na Feitoria, com dois ou três amigos, gosta de contar uma anedota, de sublinhar uma scena, de remexer no passado, n'uma língua que enternece como a das creanças que não sabem ainda fallar. Há homens que conservam até à última uma ingenuidade admirável. O velho soldado foi assim¹¹.

Depois, Brandão esclarece os motivos que justificaram a escolha deste livro. À parte o aspecto sentimental de o mesmo lhe lembrar as histórias da Guerra Civil que a sua avó «miguelista» lhe contava, refere o que chama «prestígio da desgraça» como uma das características da narrativa. Enaltece-lhe a simplicidade, assinalando a importância da interculturalidade: «É também o depoimento dum estrangeiro sobre as nossas coisas, e dum estrangeiro que sabe ver, encontrar o traço preciso, ou pôr de pé um retrato em seis linhas flagrantes.» O factor testemunhal é essencial para Brandão: «Eu estive lá, eu vi, é uma grande força. Leiam os quadros, as anotações, os descriptivos. São rápidos e curiosos.»

Por um processo textual inerente à narrativa, Brandão abre a segunda parte do prefácio com citação cáustica de Ramalho Ortigão: «A obra liberal de 1834 — convém nunca o perder de vista — foi inteiramente semelhante à obra republicana de 1910. Nos homens dessas duas invasões, é idêntico o espírito de violência, d'anarquismo e de extorsão.»¹² E realça «o mesmo drama, as mesmas personagens, igual desconhecimento do país e do carácter do povo». Assim institui um pendor comparatista, através de remissões de testemunhos, memórias, vozes ouvidas na sua própria experiência de vida.

Brandão remete depois para um anónimo seu contemporâneo: «Há cinquenta para sessenta anos o nosso povo era semi-bárbaro», observação que prefere à

11. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 21.

12. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 22.

sua «o país, a massa, só tinha uma unidade: era católica e selvagem». E explicita «em relação a esse tempo em que não havia estradas nem comunicações com o exterior; em que cada um vivia na sua aldeia e lá nascia, lá vivia, lá morria, sem ter saído desse meio, completamente dominado pelos frades e pelos padres na maior parte dos casos tão ignorantes como os seus fregueses». Mas logo a seguir, interroga-se, interrogando-nos: «Mudamos muito?»¹³

Quanto à questão religiosa, fanatismo popular e inépcia política, recorre a Napier, *estrangeiro observador inteligente* da Guerra Civil e do Cerco do Porto em que participou, considerando: «ofender os sentimentos religiosos de um povo fanático, no próprio momento em que era necessário contentá-lo e mesmo que nos conventos padres e freiras exigissem reformas, mostrava claramente a imperícia e impolítica dos conselheiros do Imperador»¹⁴.

De contexto em contexto, Raul Brandão¹⁵ faz-se eco da *Autópsia dos partidos políticos*, folheto de 1847, numa reflexão crítica de males históricos nacionais:

A luta em que se acha empenhada a nação portuguesa desde 1820 nem por isso deixa de ter, como causa mais próxima e eficiente, a ambição dos indivíduos de que se compõem os diferentes bandos que, com o falso título de partidos políticos, se disputam entre si a posse dos empregos públicos... A verdadeira causa próxima e directa de contínuas guerras civis de Portugal é a distribuição dos empregos públicos.

O que lhe suscita, face aos que atentam, (in)directamente, contra a liberdade e a justiça social, o grito de revolta: «Isto é horrível. Mas havia muito pior: havia os outros, os que só se satisfaziam com sangue e vinganças.»¹⁶

Este prefácio configura-se como o texto de uma realidade histórica, política, social, económica e militar do país que se desconstrói experienciada por Brandão que interpela, reflexiva e radicalmente: «Ontem como hoje, uma minoria derruba o sistema. Desde 1820 que essa minoria audaciosa domina o país. Porquê? A resposta é simples: o país não existe — existe o Terreiro do Paço.»¹⁷

13. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 23.

14. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 24.

15. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 30.

16. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 30.

17. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 33.

Porém, Brandão frisa: «a liberdade é-nos já tão necessária como o ar que respiramos!». Postulado que o leva a interrogar e preconizar: «O grande esforço de qualquer governo será educar de alto abaixo. Só ensinar a ler o povo é pouco, inútil e perigoso. Precisamos de um ideal comum, se queremos viver. Precisamos de fazer disto, uma pátria, onde caibamos todos. Teremos tempo ainda?»¹⁸

O que tudo lhe faz ainda evocar o episódio da nau S. Gabriel da História Trágico-Marítima que levou para o fundo do mar oiro, pimenta e especiarias, o que para Brandão, no seu tempo, traduz tragicamente «uma carregação de mortos»:

No convés a tripulação frenética endoideceu: os possessos discutem e berram cada um para o seu lado, enquanto a água entra pelas tábuas desconjuntadas e os farrapos das velas batem ao vento como asas desconformes. Os passageiros egoístas, gente de outros sentimentos ou de outra casta, não mexem; olham indiferentes como se não corressem todos o mesmo risco. A um canto o povo humilde reza. Onde iremos nós varar¹⁹?

A aguda percepção histórica brandoniana assenta, por sua vez, na forte componente documental consubstanciada nas 64 notas de rodapé, resultado dos apontamentos inéditos referidos²⁰. No conjunto dessas notas suplementares ao texto de Owen, cuja tendência pró-britânica temperam, concretizam-se entre outros, elementos sobre a imprensa liberal e miguelista editada no Cerco e aspectos do teatro das operações de guerra: composição, trajecto e desembarque da esquadra de D. Pedro e tropas liberais; tomada fundamental da serra do Pilar pelas forças liberais; heroísmo e dedicação à causa liberal de famílias ilustres, como a da duquesa de Ficalho (notas cap. VI e VII). São realçadas a coragem e heroicidade das forças populares e destacado o valoroso papel das mulheres do povo do Porto, assim retiradas do anonimato:

outras se notabilizaram. Uma, que se distinguiu no ataque de 5 de Julho de 1833 e ficou a receber pret de soldado chamava-se Maria Thereza, mulher de Mathias de Campos, soldado de infantaria 15. Não menos heroína foi Francisca da Silva Neves da praia de Miragaya, que na acção de 29 de Setembro fez fogo nas fileiras de caçadores

18. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 35.

19. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 36.

20. Por economia do artigo, omite-se aqui a sua análise. Cf. LAGE, 2019: 83-103.

5. Foi condecorada com a Torre e Espada. Citaremos também Anna Damasia, do Caes da Ribeira, que tinha marido e filhos nas linhas e preparava a comida dos soldados da linha de Cimo do Muro e Maria da Soledade, que levava as proclamações de D. Pedro às fileiras miguelistas, convencendo muitos delles a desertarem. Vencia o soldo de furriel. (nota cap. X)

1.2.1. Recepção do prefácio e notas de Brandão

Na 1.^a edição (1915) desta obra, cujo prefácio, anotações e estudo de Brandão foram considerados um dos seus trabalhos historiográficos de maior significado e relevância no âmbito da história, dimensão menos conhecida e estudada da sua obra, saíram no vespertino lisboeta «A Capital», jornal de ampla divulgação, dois artigos, respectivamente, de Adelino Mendes e Mayer Garção, jornalistas republicanos. Na recensão do primeiro (1915), apresenta-se o livro e o prefaciador:

Eis um pequenino grande livro. Lel-o é recordar; medital-o é ver prepassar deante dos nossos olhos figuras que andam esquecidas e enchem uns poucos d'annos da nossa história [...] Raul Brandão é um escriptor que sente como nenhum dos actuais escriptores portugueses as figuras da nossa história.

Atendo-se à estrutura e escrita do prefácio, o jornalista realça: «Raul Brandão pegou no alfarrábio descosido, desconjuntado, truncado, com passagens incompreensíveis e transformou-o numa obra-prima», evidenciando o valor literário e cívico de Brandão, a forma excepcional como estuda testemunhos e protagonistas e a grandeza da sua escrita que recria a condição humana e a matéria histórica. Considera «*O Cerco do Porto...* uma bela lição de filosofia política» e Brandão com os seus «estudos preciosos» sobre a história do país, um exemplo de consciência histórica independente e cidadania activa, a aprender e seguir.

Já a recensão do segundo (1916) vê neste «novo livro de Raul Brandão, obra notável como todas as que saem da penna do grande publicista, — que há muito considero o primeiro prosador da nova geração». Refere a campanha política sobre o prefácio, infundada face «à sinceridade absoluta de Raul Brandão que não é um espírito sectário». Com artifícios retóricos, apoda de negativista e melancólico este prefácio, cujo autor, contraditoriamente, qualifica de magistral e

genial na escrita: «Raul Brandão que aos trabalhos históricos ultimamente se tem dedicado, com tamanho talento de evocação é o Goya da História.» Exprobando comparações entre República e Liberalismo, na rasura de tempos conturbados em que estes regimes se debateram, obnubila o sentido histórico do prefácio brandoniano enquanto enaltece outros trabalhos de história de Brandão.

Estas recensões, díspares em forma e conteúdo, são incapazes de apreender o alcance de alerta político-social e valor historiográfico deste trabalho pioneiro de Brandão de assumida «ressureição» d'*O Cerco do Porto*.

Posteriormente, à publicação d'*O Cerco do Porto* (1915) seguiu-se nova edição da Renascença Portuguesa, Porto; Luso-Brasileira, Rio de Janeiro (1920). Mais tarde, foi reeditada em *A Regra do Jogo* (1985) com introdução de Fernando Pereira Marques que releva para além do «pessimismo» de Brandão a sua «actualidade sociológica».

2. História e Desconstrução. Práxis e mundivisão histórica de Raul Brandão

A realidade difere sempre do sonho sobretudo pela dor. [...] Tudo isto que hoje nos parece minúsculo e longínquo deante da calamidade que revolve a Europa se passou entre os quatro muros da nossa casa. Eu sou tripeiro. [...] Por isso todas estas figuras me impelem: estão à minha roda o soldado, a filha shakespeariana, que morreu assombrada, com os olhos de espanto que ainda hoje enchem de aflição — e sem ter compreendido — e sem ter compreendido!... Esperam outras, outras ainda...²¹.

Indiciam-se aqui *traços* da mundivisão histórica e consciência social de Raul Brandão em cuja percepção e práxis de uma historiografia dramática, a escrita da história não poderia ser pontual por ser antes rede textual aberta à imprevisibilidade. Autor de uma prosa historiográfica original supondo o espaçamento entre *realidade* e sua escrita, faz com que os proscritos e excluídos da história aí ganhem relevo. A narrativa desses homens e mulheres só pôde ser focalizada

21. OWEN, BRANDÃO, *pref. e notas*, 1915: 39-43.

sob influência deste escritor que se afastou do positivismo para enveredar por «tendências finisseculares»²².

Numa configuração histórica de grande volatilidade como a da I República, Brandão, reclamando-se «tripeiro», escreve este seu ensaio historiográfico, iniciando-o pela evocação fantasmática de farrapos de memória da infância com sua avó miguelista de quem ouviu o primeiro relato do Cerco do Porto, testemunho parcial que usa para introduzir o testemunho de «o outro», o estrangeiro, coronel britânico Owen.

Brandão vai então desfiar, em modo desconstrutivo, assombrado pela conspiração de 1817 de Gomes Freire de Andrade (1914), acontecimento histórico inaugural do liberalismo português, o emaranhado de *rastros* de revoltas: a Revolução Liberal de 24 de Agosto de 1820, no Porto, propagada a Lisboa em 15 de Setembro, posteriores manobras contra-revolucionárias e insurreições, eclosão da Guerra Civil sobre a sucessão real (1828-1834) e o Cerco do Porto (1832-1833) em que as forças liberais sitiadas defrontaram com valentia as tropas absolutistas, destacando-se a resistência heróica do povo e da cidade que consolidou a vitória da causa liberal em Portugal.

Mas Brandão não se exime à interpretação crítica da configuração histórica sociopolítica e cultural desse tempo anterior, por analogia com êxitos e fracassos de convulsões que ele próprio vivenciou durante o regime republicano.

Esta intuição messiânica da historicidade em Raul Brandão, contemporâneo do intelectual judeu alemão, Walter Benjamin, autor das célebres *Teses Sobre o Conceito de História* (1940), pode aproximar-se da questão do significado do acontecimento na teoria crítica da história deste autor:

O historicismo contenta-se em estabelecer umnexo causal entre vários momentos da história. Mas nenhum facto, meramente por ser causa, é só por isso um facto histórico. Ele transforma-se em facto histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milénios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração, em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada.

22. PORTELA, 2012a: 101-118.

Com isso, ele funda um conceito do presente como um «agora» no qual se infiltraram estilhaços do messiânico»²³.

Não é o acontecimento, enquanto facto, que é relevante na história, mas sim o seu encadear na formação do presente, enquanto parte duma complexidade que se insere na sua função ou missão messiânica. O messianismo é para Benjamin, a concretização da missão que permite a libertação do ser humano contra a dominação e a opressão.

No ideário de Raul Brandão a percepção de uma história em ruínas e fragmentos, simultaneamente, «barroca e messiânica»²⁴, é inseparável da crença numa sociedade fraterna e igualitária. Por isso, este trabalho literário de escrita historiográfica de Brandão deve ser interpretado entre história e desconstrução, questionando os limites da história convencional e da formalidade de sua escrita.

Reportamo-nos aqui ao contributo do historiador Sean Gaston (2018), estudioso de questões do ofício do historiador em Marc Bloch e da noção de *traços/vestigios do passado* que relaciona com o diálogo Paul Ricoeur e Jacques Derrida. Faz uma releitura histórica e filosófica da obra derridiana, equacionando dimensões relevantes da história, como: «reconstituição de um contexto», memórias de «o outro», estado da memória histórica, relação entre acontecimento histórico/ acontecimento de narração e problemáticas do testemunho. Destaca a «mobilidade de contextos, constantemente, a reformular-se», «contextos móveis» mais visíveis na «história intelectual», contextos de propagação (depois do acontecimento/ evento) ou contextos recuados (antes do acontecimento). Argumenta que tal «deslocação do contexto regista a própria possibilidade de uma escrita que pode ser repetível, mas legível noutro(s) contexto(s) e descreve o estatuto habitual dos documentos e arquivos». Ora a obra de Derrida, designadamente o questionamento do *contexto, memória e narrativa* no delinear uma historiografia desconstrutivista, é uma base de renovação da historiografia não incompatível com a análise histórica rigorosa, como evidencia em *Espectros de Marx* (1994) que abre pelo compromisso explícito de «uma política de memória, de herança e de

23. BENJAMIN, 1987: 222-232.

24. PORTELA, 2012b: 4.

gerações», sendo a relação necessária com os espectros/fantasmas do passado declarada em nome da justiça.

Esta nova forma de pensar a história a partir da «desconstrução» como «o que acontece» permite compreender, na sua complexidade, o interesse da práxis e mundivisão histórica de Raul Brandão evidente neste ensaio histórico sobre o Cerco do Porto e em toda a sua prosa historiográfica que funciona por dentro e com história, condensando nos eventos um concentrado espaciotemporal cuja narração se situa entre contextos enquanto meio histórico e ou configuração histórica.

O modo inovador de Brandão trabalhar e escrever matéria histórica introduz um «espaçamento» entre sujeito e objecto, um «desvio» ou «afastamento» onde o acontecimento pode sobrevir e dar a ver a suspensão da ordem instituída²⁵, ao quebrar a pretensa linearidade do decurso histórico e do discurso sobre o mesmo. Esta configuração permite-lhe convocar, espectralmente, protagonistas do passado cujo eco continua a assombrar o presente, cultural, social e politicamente, escrevendo a dinâmica imparável de eventos por si experienciados numa realidade que se desconstrói a um ritmo por vezes vertiginoso.

Nesta linha de compreensão, o que para alguns estudiosos da obra brandoniana traduz o carácter dramático da história e uma escrita híbrida da matéria histórica é, antes, o texto de uma realidade avassaladora que só assim se torna apreensível.

Considerações finais

A análise entre história e literatura do trabalho historiográfico de Brandão sobre *O cerco do Porto contado por uma testemunha, o coronel Owen* explicita que a sua práxis e mundivisão histórica condensa três linhas de força: um posicionamento lapidar perante o testemunho, uma espectralidade do passado e um messianismo do futuro, que perpassam toda a sua prosa historiográfica onde relevam os anónimos e excluídos. Raul Brandão narra sobretudo acção e agentes, quadros sociais e relações sociais, interessando-se por analogias impactantes de um presente assombrado por «fantasmas» do passado, em deslocação de contextos. Rompe com o viés romântico da história positivista do século XIX ao relevar o que é relegado para a margem nas fontes e documentos, que estuda

25. GOSSELIN, 2017: 229-242.

com rigor, mas desconstruindo práticas historiográficas da «história com H grande». Permite-nos antecipar o quão importante pode ser para o pensamento histórico contemporâneo a originalidade da sua prática e escrita da história cuja teoria prossegue em suas *Memórias* num «método sociográfico» considerado «uma verdadeira revolução»²⁶.

Por fim e segundo Sean Gaston²⁷:

os aspetos referidos do trabalho de Derrida podem ser tratados como base de uma filosofia da história deixando-nos perante o desafio de uma historiografia desconstrutiva. Este «novo» tipo de historiografia continua a ser uma filosofia da história; não tenta deslocar tradições duramente conquistadas de boas práticas historiográficas. Pode ser visto como alerta a pensar diferentes tipos de historiografia que contribuem para a sua própria história. O desafio irreprimível da história à filosofia é também um desafio para a escrita da história.

26. NEMÉSIO, 1974: 73.

27. GASTON, 2018: 17.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter (1987). *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, vol. 1, pp. 222-232.
- DERRIDA, Jacques (1994). *Spectres de Marx: L'État de la dette, le travail du deuil et la nouvelle Internationale*. Paris: Galilée.
- GARÇÃO, Francisco Mayer (1916). *Nas margens d'um livro: Raul Brandão e o seu prefácio ao "Cêrco do Porto"*. «A Capital». 6.º Ano. 1942 (2 jan. 1916) 1.
- GASTON, Sean (2018). *Jacques Derrida and the Challenge of History*. London: Rowman & Littlefield International.
- GENETTE, Gérard (1972). *Figures III*. Paris: Seuil.
- GOSELIN, Sophie (2017). *La Part inconstructible de la Terre*. «Les Cahiers philosophiques de Strasbourg». 42, 229-242.
- LAGE, Maria Otília Pereira (2019). *O Cerco do Porto contado por uma testemunha: o Coronel Owen. Evocação e matéria histórica em Raul Brandão*. «Revista de Guimarães». 129, 83-103.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1984). *Raul Brandão entre o romantismo e o Modernismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- MARINHO, Maria de Fátima (2003). *El-Rei Junot e Vida e Morte de Gomes Freire de Raul Brandão: nem história nem romance*. «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas». II Série. 20:1, 91-103.
- MENDES, Adelino (1915). *Papéis Velhos: O Cerco do Porto (...) Brandão*. «A Capital». 6.º Ano. 1940 (30 dez. 1915).
- NEMÉSIO, Vitorino (1974). *Jornal do Observador*. Lisboa: Verbo.
- OWEN, Hugh (1836). *A Guerra Civil em Portugal, o Sitio do Porto e a Morte de Don Pedro*. Londres: [s.n.].
- OWEN, Hugh; BRANDÃO, Raul, *pref. e notas* (1915). *O Cerco do Porto contado por uma testemunha, o coronel Owen*. [Lisboa]: Renascença Portuguesa. (Bibliotheca Historica; 1).
- PORTELA, Octávio Rios (2012a). *Raul Brandão e a tentação histórica: Para uma leitura de El-Rei Junot*. «Via Atlântica». 21 (jul.) 101-118.
- PORTELA, Octávio Rios (2012b). *De trapeiros e vencidos: efabulação e história em Raul Brandão*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutoramento.
- PORTUGAL. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses *et al.*, org. (2001). *D. PEDRO Imperador do Brasil, Rei de Portugal: Do*

Absolutismo ao Liberalismo. Actas do Congresso Internacional. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

VIÇOSO, Vitor (2017). *Raul Brandão Uma escrita do crepúsculo*. «Seara Nova». 1740 (outono). [Consult. 30 jun. 2021]. Disponível em <<http://arquivo.searanova.publ.pt/pt/1740/cultura/741/Raul-Brand%C3%A3o-Uma-escrita-do-crep%C3%BAsculo.htm>>.